

O Núcleo da Estética, Hermenêutica e Semiótica vem há anos se preocupando com o que caracteriza e diferencia a obra estética de outros artefatos. Na arquitetura, a questão é crucial. Ela tendeu a ser definida entre nós apenas como espaço construído. Interiorizava-se assim a repressão que durante mais de vinte anos dominou o país e a universidade. Era descartada não apenas a questão estética, que foi central para pilares da teoria arquitetônica, como Vitruvius e Alberti, mas também a questão dos valores presentificados em edificações, seja para exaltar um deus pagão ou uma divindade cristã, seja para exaltar um regime político ou um governante.

Isso inclui uma questão delicada, que não tem sido discutida maiormente no Brasil, mas que em países como Alemanha, Itália e Rússia se tornou nevrálgica. Como devem ser encaradas obras que serviram para exaltar regimes totalitários, ditaduras, quando se está pretendendo ter uma governança mais democrática? Quais são os nomes que devem ser exaltados em avenidas, prédios, pontes, cidades, estátuas? Quais os nomes que devem ser mudados para que não se continue consagrando a injustiça que neles é celebrada sob disfarce simbólico?

Isso inclui outra questão, que é delicada e não costuma ser debatida: será que basta ao arquiteto e ao urbanista que alguém lhe pague pela obra para que ela seja uma tarefa válida? Por baixo disso, há outra questão ainda mais delicada: será que a raça humana merece que se zele por seu conforto, se ela é a maior fonte de desconforto para animais e plantas? Quando casas matam moradores porque foram construídas nas encostas dos morros ou quando bairros inteiros ficam alagados porque estão em regiões ribeirinhas, não há aí um problema ético e de cidadania, do qual o arquiteto não pode escapar?

Um problema não se resolve por não se falar dele. Pelo contrário, piora. Não adianta matar o mensageiro que traz a má notícia. O provérbio de que não se fala de corda em casa de enforcado não ressuscita o suicida, mas traz um alerta de que não se deve aventar um problema que não se queira ajudar a resolver. Supõe-se que não se é ideológico quando se dá relevância apenas à tecnologia. Ora, exatamente isso é mais ideológico, no sentido de ampliar a falsa consciência. A filosofia é uma atividade prática, pois ajuda a definir o que é relevante e o que não é, o que é verdadeiro e o que é falácia. Exorcizar a teoria é obscurantista.

Quem crê, crê porque não quer perguntar adiante. Prefere a mentira à dor da verdade. Assim não se resolvem questões cruciais, aquelas que têm o suplício de uma cruz.

Em duas correntes estéticas a arquitetura ficou mal situada como arte. Uma vez, quando a arte foi definida pelo caráter mimético, o que se podia entender quando uma escultura copiava um corpo humano ou a pintura reproduzia animais e plantas; outra vez, quando a arte foi definida pelo belo e o belo foi entendido como antitético ao que tivesse uma finalidade. O que estaria “copiando” a obra arquitetônica? O buraco de um tatu ou o ninho do joão-de-barro? Platão sugeriu que ela copiaria a interioridade do homem, tornando-se subjetividade objetivada. A obra arquitetônica é construída para atender certas finalidades, mesmo que ela seja um templo religioso: nesse sentido, ela ficaria excluída do artístico, pois ela só é erguida para atender a determinados propósitos. Mesmo que eles mudem depois, ela perdura enquanto tiver finalidades a atender.

O artigo de Carolina Borges abre o presente número da RES não por acaso. Discute a questão central da relação entre o belo e o útil na arquitetura. Estrategicamente toma a figura das cariátides, pois elas são colunas que servem para manter o edifício de pé e, por outro lado, são esculturas. Mas não são simples esculturas de mulheres que estão aí para ornamentar. Elas são escravas, vindas de uma cidade que havia ficado do lado persa nas guerras púnicas. A escravidão é uma punição, mas, ao mesmo tempo, como estão acima do platô e carregam o templo, são, por um lado, um documento ao que sustentava a sociedade grega, a escravidão, e, por outro, são um monumento às mulheres e ao trabalho.

O ornamento não é apenas decorativo. Faz parte da estrutura da obra ou exprime o seu caráter, é parte significativa do seu sentido. Nietzsche não encarou as cariátides assim: viu nelas uma petrificação da virtude, um congelamento de posturas pretéritas que não refletiriam mais a vida contemporânea. O que essas diferenças de leitura revelam é que tais esculturas são obras de arte. Cumpra-se assim o destino da grande arte: possibilitar leituras diversas ao longo do tempo e dos lugares.

Erinaldo Salles amplia o tema de sua tese de doutorado. Examina o retorno obsessivo do número sete: sete dias da semana, sete artes, a soma do quadrivium com o trivium e assim por

diante. Procura mostrar como eram representadas as diversas artes. É um estudo iconográfico. Hegel não estudou sete artes na versão que temos de sua *Estética* feita por Hotho. Ele não queria esgotar o tema, procurava ver como elas poderiam ser divididas e como teriam evoluído ao longo da história dominante: estudou cinco, com as quais poderiam ser entendidas as demais. Ele não estudou, por exemplo, a dança, mas ela poderia ser entendida como escultura em movimento, nem podia ter examinado o cinema, mas ele poderia ser pensado a partir do teatro.

Ariano Suassuna é merecidamente estudado num artigo oriundo de um trabalho feito na pós-graduação da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Além de ter feito uma *Estética* que reflete sua atividade como professor, Ariano foi secretário de cultura do Estado e desenvolveu o grupo armorial, que era deslumbrante nas suas coreografias, vestimentas e cantorias. O mundo medieval europeu foi retrabalhado no interior do Nordeste. Suassuna repensou a estética entre a tradição teórica europeia e a prática do cordel e da dança popular no nordeste brasileiro, assim como fez o diálogo entre os dois lados, da picaresca ibérica com as sugestões advinda de tipos do interior da Paraíba, numa obra já clássica como é o *Auto da Compadecida*.

Leonardo Perdigão Leite amplia a reflexão acadêmica sobre estética ao estudar o fenômeno mundial do grafitti, partindo de contribuições de Souriau. Grafitti podem ser letras, imagens ou combinação de letras com imagens. Eles têm tendido de letras para imagens e, como tais, tornam-se happenings visuais na paisagem urbana. Dão as costas para museus, mas, tendo surgido entre eles obras de qualidade estética surpreendente, como que pedem abrigo no museu ou a superação da distância entre museu e rua. Expostos ao sol e à chuva, grafitti se propõem como obras efêmeras, a meio caminho entre o happening e a obra de arte que se propõe perdurar.

Luciano Coutinho propôs-se a fazer uma leitura do Gilgamesh não tanto como epopeia relativa a eventos bélicos e sim como uma elaboração antiga da evolução interior do homem em seu contato com o amor da mulher. Isso tem consequências para a administração do Estado. Há uma disputa entre dois protótipos, Gilgamesh e Enkidu, em que este é um segundo “eu” do primeiro. Esta epopeia costuma ser lembrada por conter uma versão mais antiga do que aparece no Antigo Testamento como história de Noé, ou seja, um grande dilúvio. Supõe-se hoje que ele ocorreu por volta de 8500 a.C., com a ruptura de um canal, hoje o Estreito de Dardanelos, que conectou o Mediterrâneo ao que então se tornou o Mar Negro. A presente leitura se volta, no entanto, para uma dimensão “lírica” da

obra como uma voz que precisa ser escutada nessa obra épica.

Nietzsche é o pensador fundamental para esses nossos tempos tão carregados pela reação totalitária, que parecia superada após os desastres de duas guerras mundiais e ditaduras na Península Ibérica e na América Latina. Sua inovação e qualidade estilística foi bastante perdida em traduções de traduções para o português. Ainda hoje impera no mundo intelectual latino uma espécie de alergia quando se ouve falar nele, que trouxe a ruptura com a duplicação metafísica do mundo para o campo da filosofia e da arte. Se não for estudado, não será dado o passo da atualização filosófica. Aqui ele é oportunamente lembrado por Manfred Rommel Mourão e Jovan Batista de Sousa, tentando recuperar a validade do mito e da arte em contraposição à verdade ditado apenas pelo parâmetro matemático da suposta ciência exata. Ou, como disse Nietzsche, se juntarmos um homem e uma mulher, o resultado será em geral quatro ou cinco.

Pedro Farias Mentor procura estabelecer uma ponte entre filosofia e literatura ao estudar Virginia Woolf, uma autora dúplice, que se destacou pela ficção, mas também desenvolveu obra ensaística, trazendo a voz feminina para a literatura do século XX. Na ficção há implícita uma teoria literária, como se tem no *Ulisses* de Joyce, mas há obras que, dentro do romance por exemplo, desenvolvem partes teóricas que valem por si, como acontece em Milan Kundera. O ensaio, dizia Adorno, tem sempre algo de musical, de uma busca descompromissada, em que tentativas são esboçadas e elaboradas, antes de se apresentarem ao público. Novas formas de existência levam a novas formas de expressão artística.

O arquiteto goiano Lucius Fabius Gomes parte de várias entrevistas feitas por ele com moradores de um conjunto habitacional construído por eles em Goiânia. É mais a história de um processo alternativo de construção do que um trabalho de técnica arquitetônica. Assim se traz para dentro da reflexão da arquitetura e do urbanismo um processo muito frequente de ocupação de terrenos e de construção pelos próprios moradores, em geral sem acompanhamento de arquitetos formados nem de assistência governamental. O marginal se torna central. Tenta-se discernir o plano naquilo que não é planejado.

Brasília, julho de 2020

Erinaldo Salles  
Flávio R. Kothe  
Júlio César Brasil